



EDUCAÇÃO DO CAMPO, IDENTIDADE E PROTAGONISMO JUVENIL

COUNTRYSIDE EDUCATION, IDENTITY AND YOUTH PROTAGONISM



Edivalda da Silva Domingues Lopes 
Rede Estadual de Educação da Bahia

Fábio dos Santos Teixeira 
Rede Estadual de Educação da Bahia

Priscila Teixeira da Silva 
Rede Municipal de Educação de Guanambi

RESUMO

Este texto aborda as vivências do Colégio Estadual do Campo de Mutãs, no interior da Bahia, no processo de construção e reconstrução de projetos desenvolvidos na instituição: Projeto Preservação Ambiental e Convivência com o Semiárido (PACS), Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) e Programa Mais Estudo. A conjuntura dessas vivências perpassa a construção da identidade da escola como escola do campo e o embate com reformas educacionais que invisibilizam o meio rural e demarcam os interesses do capital na educação básica. Os caminhos percorridos demonstram a relevância de um trabalho pedagógico que fortaleça a identidade camponesa e o protagonismo dos jovens como possibilidades de enfrentamento e desnaturalização de proposições que evidenciam relações de disputa na educação básica.

Palavras-chave: Juventude do campo. Organização do trabalho pedagógico. Educação do Campo.

ABSTRACT

This text addresses the experiences of the Colégio Estadual do Campo de Mutãs, in the interior of Bahia, in the process of construction and reconstruction of projects developed at the institution: Environmental Preservation and Coexistence with the Semi-Arid Project (PACS), Heritage and Artistic Education Project (EPA) and Mais Estudos Program. The context of these experiences permeates the construction of the school's identity as a rural school and the clash with educational reforms that make rural areas invisible and demarcate the interests of capital in basic education. The paths taken demonstrate the relevance of pedagogical work that strengthens peasant



identity and the protagonism of young people as possibilities for confronting and denaturalizing propositions that highlight disputed relationships in basic education.

Key-words: Rural youth. Organization of pedagogical work. Countryside Education.

1. INTRODUÇÃO

Eu quero rever aqueles conceitos ultrapassados, achar uma definição para o que chamo de inteligência que os sábios imortais e eternos me expliquem a razão de toda essa inconsistência (Sales, 1991).

Com esse fragmento, que tenciona o que é posto como inteligência, iniciamos este texto que busca relatar as estratégias utilizadas para mitigar o viés neoliberal presente na Reforma do Ensino Médio com forte tendência a uma formação fragmentada com foco no mercado. Segundo Ball (2004, p. 1.109) “cada vez mais, as políticas sociais e educacionais estão sendo articuladas e legitimadas explícita, direta e, muitas vezes exclusivamente em função do seu papel em aumentar a competitividade econômica por meio do desenvolvimento das habilidades e capacidades”.

A perspectiva neoliberal há décadas tem orientado as políticas educacionais que tendem a uma educação voltada ao individualismo, a competição, a concorrência, a produtividade, “uma educação para a subserviência” (Orso, 2013, p. 52).

Em meio às relações de disputa postas no processo da Reforma do Ensino Médio, pela lei federal 13.415 de 2017, um Colégio no interior da Bahia passava por um processo de construção identitária a fim de se auto identificar como escola do campo e construir um trabalho pedagógico condizente com a realidade dos jovens que a frequentam.

A instituição, atualmente denominada como Colégio Estadual do Campo de Mutãs¹, está situada no distrito de Mutãs, a 30 Km da sede do município de Guanambi, cidade do sudoeste baiano. Funcionando desde 2006, o Colégio sempre atendeu estudantes do campo das comunidades circunvizinhas, mas ainda não se identificava como escola do campo.

¹ Anteriormente denominado Colégio Estadual Antônio Carlos Magalhães.



Ao passar por um intenso processo de discussão sobre a identidade da instituição, sua função na comunidade e a necessidade de uma educação condizente com a realidade vivida pela juventude local, o coletivo da instituição iniciou um processo de construção de um trabalho pedagógico articulado com os princípios da Educação do Campo e em 2022 a escola conseguiu seu reconhecimento como escola do campo pela portaria nº 152/2022 da Secretaria Estadual de Educação da Bahia.

Contudo, ao assumir uma identidade de escola do campo a instituição se deparou com as orientações e reformulações postas na Reforma do Ensino Médio e as ausências do campo na Base Nacional Comum Curricular. Diante disso, como construir uma educação condizente com os princípios da Educação do Campo que assumem a valorização dos diferentes saberes, tempos e espaços, identidade camponesa, formação humana baseada no desenvolvimento economicamente justo e ecologicamente sustentável?

Este texto não traz soluções, mas relata caminhos percorridos pelo coletivo do Colégio Estadual do Campo de Mutãs, caminhos que priorizaram a valorização da identidade e o protagonismo dos jovens da comunidade que frequentam a instituição. Para isso partimos do relato das vivências de projetos criados na instituição (Preservação Ambiental e Convivência com o Semiárido (PACS) ou projetos institucionais da Secretaria Estadual de Educação que foram “reconstruídos” no Colégio (Projeto Educação Patrimonial e Artística; e Programa Mais Estudo). O texto traz o relato e avaliação de dois educadores da instituição e uma pesquisadora da comunidade que iniciou o debate no Colégio sobre sua identidade do campo.

Carnoy e Levin (1993, p. 66) afirmam que as escolas públicas não são apenas reprodutoras dos ideais da classe dominante, isso porque as mesmas também refletem as demandas sociais. E nessas relações de disputa se inserem a construção e implementação dos projetos citados que vão abrindo espaço e dando voz para a juventude do campo e suas realidades.

2. PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO (PACS)

O projeto Preservação Ambiental e Convivência com o Semiárido (PACS) foi um projeto cujo desenvolvimento partiu do trabalho de observação e interação com



os estudantes e a comunidade local e da constatação de que a escola lidava com uma população, essencialmente, do campo e que as especificidades socioculturais não estavam sendo contempladas na proposta pedagógica da escola, de forma planejada, sistematizada e efetiva.

O desenvolvimento do PACS em 2018 se deu em meio às mudanças pelas quais o Colégio estava passando na sua auto identificação como escola do campo, mudança de nome e encaminhamentos para um trabalho pedagógico específico. Razão pela qual o projeto acabou contribuindo para a abertura de uma discussão sobre a necessidade dessas mudanças, inclusive do nome da instituição, sugerindo que ele tivesse relação com a comunidade local, conferindo-lhe identidade.

O trabalho proposto pelo PACS teve foco na Convivência com o Semiárido, compreendendo esse espaço como um território fundamental de produção, desenvolvimento econômico, fortalecimento da luta social e política, fortalecimento das identidades dos estudantes e permanência dos jovens no campo.

Para alcançar tais objetivos, foram desenvolvidas de forma interdisciplinar as seguintes ações: Desenvolvimento dos Projetos Estruturantes Tempo de Arte Literária (TAL) Festival Anual da Canção estudantil (FACE), Educação Patrimonial e Artística(EPA), Produção de Vídeos Estudantis e Artes Visuais Estudantis (AVE) de modo articulado à proposta do PACS, respeitando as especificidades de cada um deles; Abordagem dos conteúdos do currículo, relacionados ao semiárido, descortinado como espaço de vida e de transformação social; Proposição de ações de intervenção para alguns problemas do semiárido; Apresentação da preservação ambiental como forma de garantir a ampliação da qualidade de vida dessa geração e das gerações futuras; Reflexão sobre a importância do uso racional dos recursos ambientais e sua correlação com o desenvolvimento socioambiental permanente; Articulação dos conteúdos científicos com os saberes populares do semiárido; Envolvimento dos estudantes nas atividades sequenciais dos projetos estruturantes, utilizando estratégias diferenciadas, respeitada a temática.

A princípio, as áreas do conhecimento foram se articulando durante os horários de planejamento para pensar as estratégias, metodologias e recursos a serem utilizados no trabalho que ora estava em andamento, apesar de não dispor de condições mínimas para desenvolvimento do trabalho na educação básica, pois naquele momento, em 2018, a escola não contava sequer com profissional da área de

coordenação pedagógica, nenhum recurso financeiro específico para custear as despesas básicas, ou auxiliar no desenvolvimento das ações, foi tudo sendo feito com o empenho dos(as) professores(as), gestão, estudantes e pessoas da comunidade, além de parceiros de outras instituições, que colaboraram em algumas ações.

O foco era abordar os aspectos potentes do Semiárido e identificar as formas de convivência, com e no mesmo, junto com os estudantes, conhecer algumas possibilidades *in loco*, através de visitas e aulas de campo em lugares e instituições como, por exemplo, as visitas guiadas de estudantes ao Instituto Federal Baiano, a Universidade do Estado da Bahia, ao centro Universitário UniFG e aulas guiadas no centro histórico de Mutã, identificando lugares de memórias e patrimônios locais, bem como o desenvolvimento de experimentos científicos nas dependências da escola, como a implantação de uma horta experimental, que agregou outras experimentações, como a biodigestão de sobras de alimento da merenda escolar e a compostagem de restos de podas das árvores e da capina.

Figura 1 - Implantação da horta escolar 2019



Fonte: arquivo da instituição.



Figura 2 - Horta orgânica 2023



Fonte: arquivos da instituição.

Para que as ações fossem melhor articuladas e para fazer frente ao problema do planejamento fragmentado da escola, foi adotada a Atividade Complementar Coletiva com todos os professores de diferentes áreas, no turno oposto das aulas, matutino, para realizarem o planejamento mensal. Percebeu-se que essa ação agregadora favoreceu a articulação das ações e o avanço do projeto, pois além de contar com os professores, também contava com os líderes de classe que participavam, ativamente do planejamento, dando sugestões e assumindo algumas responsabilidades.

Organizado o planejamento e estruturadas as ações, o trabalho com os estudantes iniciou, com a área de linguagens, focando nas produções artísticas, literárias e pinturas. A área de exatas com foco na iniciação científica, experimentos, levantamento de saberes relacionados ao campo, como a medicina popular e as técnicas de conservação, armazenagem e preparação de alimentos. E a área de humanas nos aspectos de formação dos espaços, constituição histórica dos lugares, patrimônio, memória, investigação histórica, levantamento e interpretação de fontes históricas e a relação com as identidades dos sujeitos e com os objetos históricos.

No decorrer do projeto, foram desenvolvidas ações tais como: palestras com temas voltados à convivência com o semiárido, manejo de solos, economia solidária,



aproveitamento de recursos naturais através do extrativismo sustentável, ecoturismo, cooperativismo, dentre outras.

As aulas de campo foram desenvolvidas no distrito e na sede do município. Isso levou a participação de alguns estudantes em eventos, como o Seminário Agroecológico de Produção Orgânica (SEAPO), organizado pelo Instituto Federal Baiano, campus Guanambi.

Desse modo, o percurso metodológico do projeto articulou os conhecimentos e vivências dos estudantes, principalmente os conhecimentos sobre o lugar onde vivem, com a visita a outros espaços e contextos, refletindo sobre a ampliação das possibilidades de convivência com o semiárido através da ampliação dos conhecimentos, a metodologia adotada optou por priorizar o caráter teórico-prático das ações, ao colocar os estudantes em contato direto com o objeto de estudo e propor produções pelos próprios estudantes.

A proposta do PACS, tem evidenciado um avanço significativo no processo de fomento da formação identitária dos estudantes do campo, em um movimento de recomposição e diálogos com os docentes que, também, se formam nesse processo. Os estudantes não têm mais receio de falar sobre seu lugar, os elementos de sua cultura, como as manifestações artísticas, a culinária e seus modos de fazer e pensar.

Os eventos da escola são marcados pela identidade com a cultura intrinsecamente do campo, é o tema condutor de todas as ações. A escola percebeu a necessidade de abordar temas que dialogam com as necessidades e expectativas dos estudantes.

Figura 3 - Distribuição de sementes nativas 2019



Fonte: arquivo da instituição

Figura 4 - Convite Feira de Saberes 2019



Fonte: arquivo da instituição.

Figura 5 - Apresentação “Os Sertões” 2019.



Fonte: arquivo da instituição.



Nota-se, também, uma aderência significativa dos estudantes ao tema convivência com o semiárido e com o reconhecimento dos bens culturais do Semiárido, bem como sua valorização e a conseqüente relação com sua formação e fortalecimento dos laços de pertencimento identitários com o lugar, sua cultura e suas materialidades. Tais resultados coadunam com a Educação do Campo discutida por Caldart em que:

O 'do campo' (...) retoma a velha discussão sobre como fazer uma escola vinculada à 'vida real', não no sentido de apenas colada a necessidade e interesse de um cotidiano linear e de superfície, mas como síntese de múltiplas relações, determinações, como questões da realidade concreta (Caldart, 2009, p. 46).

Construir um projeto estruturante baseado na realidade da comunidade tendo os jovens como sujeitos históricos ativos nesse processo, demarca a perspectiva de formação humana emancipatória que vem sendo o objetivo assumido pela instituição.

3. PROJETO EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTÍSTICA (EPA)

O projeto Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) é realizado desde 2016, mas ganhou destaque a partir de 2019 em meio à estruturação do Projeto Político Pedagógico que definiu a articulação dos projetos da Secretaria da Educação aos já realizados pela Instituição.

Na Jornada Pedagógica do ano letivo de 2019, com base nos resultados das avaliações diagnósticas realizadas para mapear o perfil dos alunos atendidos, definiu-se que o EPA seria desenvolvido integrado ao PACS-Projeto de Preservação Ambiental e Convivência com o Semiárido, por entender que as questões relativas a patrimônio, meio ambiente e formação da consciência histórica estão interligadas.

Em 2019 a primeira etapa para o desenvolvimento do projeto, iniciou com a exibição do filme Narradores de Javé seguido por uma conversa para problematizar aspectos relacionados à diversidade das narrativas tecidas pelos personagens, registro histórico dos objetos e das fontes históricas não escritas, que testemunharam as vivências da gente do semiárido.

Formadas as equipes de trabalho pelos estudantes, iniciou-se a produção de oficinas sobre o patrimônio, realizadas em cada turma. Organizou-se, explicações e discussões sobre a distinção e caracterização do patrimônio material e patrimônio imaterial, a construção das memórias e a relação entre os objetos do cotidiano e as



histórias individuais e regionais, utilizando exemplos de recortes da cultura do Semiárido Brasileiro. Foi solicitado que os alunos escolhessem um objeto pertencente ou não à sua família, entrevistassem seus familiares ou a pessoa proprietária do objeto para que fossem relatados a origem do item em questão, o tempo que se encontrava em posse da pessoa, sua relação de estima com o objeto, dentre outras questões. Os alunos iriam sistematizar o relato para socializar na sala durante a exposição do objeto, ou uma imagem do mesmo.

Os relatos foram muito envolventes, fomos surpreendidos, pois deduzimos que os estudantes poderiam não trazer os objetos ou imagens, por se tratar de adolescentes que geralmente não têm muita afinidade com tais ações. Foi notória a empolgação dos mesmos com a ação, tanto na apresentação dos objetos, quanto no desejo de apresentar os resultados dos achados. A maioria dos relatos revelou como os estudantes já conheciam o objeto há muito tempo, mas não sabiam da história do mesmo e da relação com sua família, bem como as conexões que a narrativa que cercava aquele objeto se estabelecia com a família, o lugar onde vivem e a história global, a exemplo dos objetos que marcaram as migrações.

Analisando essa ação ficou evidente o envolvimento dos sujeitos com a proposta e nos remeteu a reflexão da importância de trabalhar com fontes primárias em sala. Nesse sentido, as reflexões de Schmidt e Garcia (2005) endossam essa ação, ao entenderem que:

A sala de aula, além de espaço do saber histórico, do ensinar e aprender, assume a condição de ambiente de compartilhamento de experiências individuais e coletivas, de relação dos sujeitos com os diferentes saberes envolvidos na produção do saber escolar (Schmidt; Garcia, 2005, p. 299).

Considerando tal potencial da educação, em seguida os alunos foram orientados a trazerem um objeto seu que pudessem socializar para os colegas de turma a história e a importância do mesmo. A intenção foi trabalhar a relação entre a construção da história coletiva a partir de histórias individuais, as subjetividades que marcam a produção histórica e principalmente que esses se percebessem partícipes da construção histórica, sobretudo aquela que não os representa nos manuais didáticos. Desse modo, os alunos perceberam as possibilidades de construção da narrativa histórica, enfatizando seu caráter subjetivo desde a escolha das fontes,



observaram que mesmo sendo uma ciência balizada por métodos de investigação, ela não escapa às preferências do historiador, do professor ou do estudante.

Foi possível observar a relevância da ação, pois a comunidade local se envolveu, os entrevistados e participantes se emocionaram com as produções, houve muitos comentários nas postagens tanto do Instagram, quanto na página do Facebook do Colégio, estabelecendo uma aproximação da escola com a comunidade, a validação pela comunidade das narrativas vinculadas à memória local e o envolvimento intenso dos alunos com as produções.

Na culminância do Projeto PACS com a realização de uma *Feira de Saberes do Semiárido*, os estudantes em suas respectivas equipes do EPA foram orientados a trazer objetos de uso cotidiano da cultura semiárida, para compor a exposição; foram formados grupos de trabalho para auxiliar na montagem da sala temática, acompanhar os visitantes, tirar dúvidas quando fossem necessárias e falar da importância histórica de cada objeto para seus possuidores, para a história local e como essas histórias se ligavam a outras pessoas e lugares.

Realizada a avaliação, foi a vez de organizar a última etapa do projeto EPA, que preconiza “a criação de álbum com as fotografias selecionadas e a pesquisa coletada em campo, a seleção do álbum que representará a escola nas territoriais; a inscrição do mesmo nos Núcleos Territoriais de Educação (NTE)” (Bahia, 2012).

A obra escolhida pelos jurados como vencedora para representar o Colégio na etapa regional foi a Casa de Farinha Sertaneja², um trabalho que chamou bastante a atenção dos visitantes, na exposição no colégio e na regional, pela riqueza de detalhes ao representar todas as etapas de produção da farinha.

² O trabalho vencedor foi a Casa de Farinha Sertaneja, uma maquete feita com madeira reutilizada e argila, retratando todas as etapas de produção da farinha de mandioca e polvilho, as personagens retratadas no processo de produção e principalmente a relevância cultural das casas de farinha, que não se resume a produzir farinha e polvilho, mas um patrimônio sertanejo marcado pelas relações culturais que se estabelecem no momento em que homens, mulheres e crianças se encontram para “fazer farinha”. A equipe foi composta pelos alunos: Wilson Castro, Daniele Mendes, Edivaldo Viana, Oséias Marques e Gustavo Coelho, sob a orientação do professor Fábio Teixeira.

Figura 6 - Álbum “Casa de farinha sertaneja” EPA 2019



Fonte: arquivo da instituição.

Para os integrantes da equipe, a escolha do tema se deu por entenderem que a feita de farinha é uma atividade econômica e cultural muito comum na comunidade local, eles já conheciam tal atividade, mas foi somente após os estudos que elegeram como patrimônio material a casa de farinha e patrimônio imaterial cultural a feita da farinha.

Depois de um ano das escolas fechadas e aulas remotas, por conta da pandemia de COVID-19, o projeto EPA foi desenvolvido de forma remota com os estudantes. O objetivo foi fazer com que eles pensassem as possibilidades de produções a partir de suas próprias casas, com seus familiares e pensassem seus lugares a partir da perspectiva patrimonial. O vencedor foi uma pesquisa sobre a revitalização, reabertura e colocação em funcionamento de uma igreja numa comunidade rural, construída no século XIX, que estava fechada há mais de 40 anos. A Igreja de São Pedro de Lagoa Funda.

Figura 7 - Imagem da abertura da produção audiovisual “São Pedro da Lagoa Funda: um passado distante e obscuro”, 2021.



Fonte: arquivo da instituição.

Em 2022, com o retorno das aulas presenciais, percebeu-se a necessidade de aprofundar com os estudantes os estudos sobre o conceito de patrimônio imaterial, pois os trabalhos continuavam priorizando a cultura material e os estudantes não conseguiam pensar as relações sócio históricas e culturais para além dos objetos, desse modo, o trabalho de formação nas oficinas priorizaram aprofundar, refletir e experimentar os conceitos de patrimônio cultural imaterial e patrimônio material, principalmente o patrimônio arquitetônico, que era o mais recorrente, tido pelos estudantes como a única representação do que para eles era patrimônio.

O trabalho vencedor em 2022 foi “A Casa dos Prates”, apesar da casa ser categorizada como um patrimônio material, os estudantes focaram na família que ali residiu, com ênfase no primeiro professor do Distrito, que hoje empresta seu nome para uma das escolas da comunidade.

Figura 8 - Imagem da produção audiovisual “A casa dos Prates”, 2022.



Fonte: arquivo da instituição.

Em 2023, os estudos sobre patrimônio, relacionado à formação das identidades das comunidades já estavam bem avançados na unidade de ensino, percebemos que era necessário aproximar essa produção com o currículo da escola, que está orientada a partir de uma modalidade específica, que é a educação do campo, desse modo, iniciou-se a mobilização do projeto EPA com a exibição do filme Bacurau, seguido de uma reflexão sobre as questões relacionadas à identidade e



sentimento de pertença a um lugar, no campo e aulas de campo em duas comunidades de onde temos mais alunos matriculados na unidade de ensino.

A partir dessa ação inicial, foi pensado o tema para a versão 2023 do projeto: Meu lugar, minha história, minha escola, cujo objetivo era provocar os estudantes a pensarem o que é patrimônio no lugar onde eles vivem, como esses patrimônios se articulam com suas vivências de passado e presente e como a escola pode mediar essas reflexões sobre a realidade e possibilitar projeções de transformações. O trabalho vencedor foi o que desenvolveu uma pesquisa sobre a trajetória da própria instituição, o antigo Colégio Antônio Carlos Magalhães e o processo de reconhecimento como escola do campo, as mudanças desde a nomenclatura, metodologias, eventos e sujeitos envolvidos.

Em 2024, com os estudantes já em um processo de imersão nos temas convivência com o semiárido a partir de suas potencialidades, reflexão sobre os patrimônios do lugar onde vivem, do envolvimento protagonista dos estudantes e percebendo as potencialidades de produção dos jovens estudantes numa perspectiva de possibilidades de reconhecerem as potencialidades e até fazer disso um meio de se apresentar e pensar formas de transformar as formas de viver cotidianas em uma alternativa de se profissionalizar, foi proposto como tema: Patrimônio gastronômico: os alimentos típicos da região, os modos de fazer e suas histórias.

Na atual versão do projeto, os estudantes participaram de aulas de campo em duas comunidades: Enxú e Minador, onde pessoas do local apresentaram pratos e remédios tradicionais e suas histórias. A partir dessa mobilização, os estudantes começaram a produzir vídeos de receitas de pratos, temperos e remédios tradicionais da localidade.

Diante do exposto acreditamos que a realização do projeto Projeto Educação Patrimonial e Artística (EPA) articulado ao Projeto de Preservação Ambiental e Convivência com o Semiárido, tendo como foco a realidade dos jovens da comunidade tem contribuído para o reconhecimento e valorização de sua identidade considerando os princípios do vínculo com a realidade, a valorização dos diferentes saberes, os tempos e espaços da educação (Ramos, Moreira, Santos, 2004)

Pois assim defende Caldart (2002, p. 27) ao afirmar que “o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua



cultura, e às suas necessidades humanas e sociais”, o que está preconizado nas Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (Brasil, 2002) ao assumir que a identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação à realidade, saberes próprios dos estudantes e na memória coletiva.

4. PROGRAMA MAIS ESTUDO

O Mais Estudos é um programa desenvolvido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia nas escolas de ensino médio, que objetiva melhorar os indicadores educacionais através da monitoria, na qual estudantes com bons resultados desenvolvem atividades para colaboração com a aprendizagem de outros estudantes.

Em 2024, além de língua portuguesa e matemática, foram incluídos outros componentes curriculares como projeto de vida, história e iniciação científica.

A monitoria se caracteriza como uma atividade que favorece tanto o bolsista, o qual desenvolve autonomia para a atividade docente, quanto os estudantes atendidos, que são mediados de modo individual no processo de ensino-aprendizagem. Para Severino (2007), a mesma apresenta caráter construtivo no processo pedagógico, ou seja, o estudante junto com o(a) professor(a) torna-se ativo no processo de construção de conhecimentos.

O exercício da monitoria proporciona ao estudante a participação no processo educacional, despertando o desejo pela prática docente, exercício solidário e parceiro, cooperação entre docentes e monitores, além do incentivo para a construção do projeto de vida, assim, considera-se como um dos objetivos mais amplos do programa o fortalecimento do protagonismo juvenil dos participantes. O protagonismo juvenil, de acordo com Silva (2019), direciona para a potencialização da capacidade de escolha e valorização das potencialidades subjetivas dos jovens.

A BNCC do ensino médio Brasil (2018), propõe a articulação entre protagonismo juvenil e projeto de vida. Ser protagonista é assumir a responsabilidade do seu processo formativo, e delegar aos jovens essa responsabilidade pela sua própria formação merece atenção, novas metodologias de ensino e práticas investigativas para que o discurso da meritocracia não anule a reflexão sobre as condições materiais de vida desses jovens.



Apesar de muitos estudos serem direcionados ao protagonismo juvenil, são escassos os estudos que têm como foco os aspectos culturais, o modo de vida e o protagonismo dos jovens do campo. Durante uma avaliação diagnóstica realizada com os monitores, os mesmos foram questionados se o Programa mais Estudo desenvolvido no Colégio Estadual do Campo de Mutãs tem fortalecido o protagonismo juvenil dos estudantes e em que? O gráfico 1 apresenta a análise da percepção dos estudantes monitores sobre a atuação no programa Mais Estudos.

Gráfico 1 - Percepção dos monitores sobre como o programa o auxiliou.



Fonte: informações coletadas pelos autores.

Dos 17 participantes que responderam ao questionário, 76,5% disseram que a monitoria os auxiliou a melhorar a participação e interação no ambiente escolar. 17,6% disseram que passaram a tomar decisões sobre a própria vida. Diante das nossas impressões e vivências, esses resultados podem ser explicados pelo fato da monitoria no Colégio Estadual do Campo de Mutãs ser desenvolvida num processo mais amplo de atuação, não apenas nas disciplinas que constam no edital, mas nas áreas do conhecimento, na coordenação, nos projetos, na horta, o que favorece a aproximação e o diálogo com os(as) professores(as) supervisores(as), com a gestão da escola e com o auxílio oferecido àqueles estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Um estudo desenvolvido por Santos e Pereira (2021) sobre o Projeto Mais Estudo Monitoria no ensino da matemática na rede estadual de educação da Bahia, constatou que a vivência proporciona ao estudante a atuar, de forma remunerada, em ocupação que lhe permite o desenvolvimento intelectual, profissional, ético, de



responsabilidade e investigativo, embora ainda se precise de reestruturação nos parâmetros do projeto.

No Colégio Estadual do Campo de Mutãs foi identificada a dificuldade dos estudantes participantes de retornarem à escola no turno oposto, uma vez que os estudantes residem na área rural do Distrito. Assim, com a autonomia da própria escola, em diálogo com os monitores, uma outra maneira de desenvolver o projeto foi estabelecida, como a atuação dos monitores por área do conhecimento, no fortalecimento de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde muitas dificuldades são apresentadas. Outras estratégias de atuação foram criadas também relacionadas às artes como música, dança e artes plásticas, na cultura corporal em jogos e esportes, no Programa Universidade para Todos que acontece na Unidade em parceria com a Universidade do Estado da Bahia e a monitoria de comunicação na qual um grupo de monitoras foi designado para a parte de design, cobertura de eventos e divulgações nas páginas da Escola.

53% dos monitores da instituição afirmam que a vivência contribuiu para pensar em seus projetos de vida e 47% para a percepção de suas competências e habilidades na área em que atuou. Pode-se inferir que a atuação no projeto possibilitou aos estudantes participantes refletir, fazer projeções e tomar decisões relativas à sua escolha profissional, certamente ligada à área de atuação durante a monitoria. Esse processo de pensar um projeto de vida a partir da descoberta das habilidades, colocadas em prática na monitoria e refletir sobre tais ações certamente contribui para as ações protagonistas dos jovens monitores de forma muito potente.

Nesse sentido, compreendemos, compartilhando do pensamento de Koselleck (2006), que o espaço de experiência se articula com o horizonte das expectativas, ou seja, esse fazer relacionado com as práticas na escola e refletido contribui para o processo formativo de sujeitos mais ativos tanto na atuação como estudante, quanto na busca do protagonismo ao fazer projeções futuras de sua atuação fora da escola.

Os monitores destacam que seu processo de aprendizagem e sua formação foram ampliados pela melhora na comunicação e relacionamento com os colegas e comunidade escolar, o aumento da autoconfiança e liderança, Compromisso e responsabilidade com as atividades escolares, pelo reconhecimento do trabalho de monitoria pelos colegas, professores e gestão, e o uso das tecnologias como ferramentas de aprendizagem e comunicação.



Nota-se que tais contribuições são basilares no processo de fortalecimento do protagonismo juvenil, pois fortaleceram e encorajam as ações dos mesmos, a partir do empoderamento que o conhecimento sistematizado, crítico e responsável pode influenciar positivamente na sua autoformação. Pois como corrobora Silva, et. al. (2010, 166) “ a luta que se impõe na educação da classe trabalhadora não é apenas por um espaço para ler e escrever, mas por escolas e políticas educacionais que contribuam para a emancipação dos sujeitos históricos do campo”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Materializar a Educação do Campo no chão da escola de um Colégio de Ensino Médio perpassa construir intencionalmente um trabalho pedagógico articulado a valorização da identidade e ao fortalecimento do protagonismo dos jovens do campo como sujeitos históricos.

Isso dentro de uma política educacional marcada por suas relações de disputa requer o estabelecimento de estratégias que perpassam desde a defesa da autonomia pedagógica da instituição para criação de projetos estruturantes próprios como a adequação de projetos da rede a fim de garantir a realidade, os saberes, os desafios, e as potencialidades da comunidade permeiam a formação escolar dos jovens do campo.

Consideramos as vivências descritas acima como pequenos passos na construção da Educação do Campo na nossa instituição não como ações pontuais, mas assumindo tal ideal como projeto coletivo da instituição, da comunidade e principalmente da juventude camponesa. Os caminhos percorridos demonstram a relevância de um trabalho pedagógico que fortaleça a identidade camponesa e o protagonismo dos jovens como possibilidades de enfrentamento e desnaturalização de proposições que evidenciam relações de disputa na educação básica.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. Manual de investigação qualitativa em educação. 2. ed. Coimbra: **Imprensa da Universidade de Coimbra**, 2014. Disponível em: <<https://digitalis-dsp.uc.pt/handle/10316.2/35271>>. Acesso em: 06/07/2024.



BALL, S. Performatividade, privatização e o pós-estado de bem-estar. **Revista Educação e Sociedade**. 25(89), 1.105-1.126. 2004, setembro/dezembro. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/3DXRWXsr9XZ4yGyLh4fcVqt/?lang=pt>

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ CÂMARA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Resolução CNE/CEB N° 1, de 3 de Abril de 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

CALDART, R. S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete. (org.). **Educação do campo: identidade e políticas públicas**. Brasília-DF: 2002. p. 18-25.

CALDART, R. S. Educação do campo: notas para uma análise de percurso. In: **Trabalho e Educação, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CARNOY, M.; LEVIN, H. M. **Escola e trabalho no estado capitalista**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

KOSELLECK, R. Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: **Contraponto**, PUC-Rio, 2006.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em:www.ibge.gov.br. Acesso em: 15/05/2013. Acesso em janeiro de 2024.

MUSSI, R. F. F.; MUSSI, L. M. P. T.; ASSUNÇÃO, E. T. C.; NUNES. C. P. Pesquisa quantitativa e/ou qualitativa: distanciamentos, aproximações e possibilidades. **Revista Sustinere**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 414-430, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/41193>. Acesso em: 18 mar. 2024.

ORSO, P. J. A educação na sociedade de classes: possibilidades e limites. IN: ORSO, Paulino José; GONÇALVES, Sebastião Rodrigues; MATTOS, Valdeci Maria. (orgs.). **Educação e luta de classes**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. P. 49-63

RAMOS, M. N.; MOREIRA, T. M.; C. A. SANTOS (coords.). **Referências para uma política nacional de educação do campo**: caderno de subsídios. Brasília : Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004. p. 48
REIS, K. S. A.

SANTOS. M.P. dos. PEREIRA, R. S. Reflexões e perspectivas neurocognitivas na implementação do “projeto + estudo monitoria” no ensino de matemática na rede estadual de educação da Bahia. **REVASF**, Petrolina- Pernambuco - Brasil, vol. 11, n.24, p. 657-684. 2021.



SCHMIDT, M. A. M. dos S.; GARCIA, T. M. F. B. A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. 23. ed. **rev. e atualizada**. São Paulo: Cortez. 2007.

SILVA, A. H. , et. al. Organização do Trabalho Pedagógico. In. TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; SANTOS JÚNIOR, Cláudio de Lira; ESCOBAR, Micheli Ortega (orgs.). **Cadernos didáticos sobre educação no campo**. Universidade Federal da Bahia, Salvador : EDITORA, 2010.

SILVA, R. A individualização dos percursos formativos como princípio organizador das políticas curriculares para o Ensino Médio no Brasil. Ensaio: **Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 27, p. 426-447, abr./jun. 2019. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002601254>

Sobre os autores

Edivalda da Silva Domingues Lopes

Professora da Rede Estadual de Educação da Bahia. Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade pelo (PPGELS) Universidade do Estado da Bahia.

Email: edivalda.silva250@gmail.com, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9486-7163>

Fábio dos Santos Teixeira

Professor da Rede Estadual de Educação da Bahia. Mestre em Ensino de História pelo PROFHISTÓRIA da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Email: fabiohistoriaeadd@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6005-8285>

Priscila Teixeira da Silva

Professora da Rede Municipal de Educação de Guanambi. Mestra em Educação do Campo pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduc da Universidade do Estado da Bahia.

Email: priscilamutans@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2675-4682>



Tramitação:

Recebido em: 29/09/2024

Aprovado em: 31/12/2024